Representação dos povos indígenas e ensino de História

A história em quadrinhos como estratégia de aprendizagem

*Por*Vanessa Carraro Armiliato[1], Eliana Rela[2]

Resumo

História em Quadrinhos como linguagem é também uma estratégia de leitura e escrita que podemos utilizar de forma interdisciplinar, estimulando o processo criativo para abordar conceitos importantes e servir de ponto de partida para discussões. O objetivo deste artigo é discutir o emprego e a construção da História em Quadrinhos (HQs) no ensino da História, apontando os pontos fortes e frágeis desta estratégia desenvolvida em sala de aula. A estratégia partiu do tema Colonização e a Ocupação nas Américas, com a possibilidade de trabalhar a representação dos povos indígenas. Este texto apresenta como pano de fundo a Legislação de 2008, lei 11.645, a qual torna obrigatório o ensino sobre a história e culturas indígenas nos currículos escolares brasileiros. No processo da construção deste texto, o conceito de interdisciplinaridade será amparado em Ivani Fazenda. A pesquisadora Léa das Graças CamargosAnastasiou, fundamenta o conceito de estratégia e, como pontos fortes e frágeis serão apresentadas evidências sobre questões de leitura do texto histórico e o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a representação do indígena.

Palavras-chave:História, Estratégia, Legislação, Interdisciplinaridade, História em Quadrinhos.

Abstract

Comic books as language is also a reading and writing strategy we can use in an interdisciplinary way, stimulating the creative process to address important concepts and serve as a starting point for discussion. The purpose of this article is to discuss employment and the construction of the Comic books (comics) in the teaching of history, pointing out the strengths and weaknesses of this strategy developed in the classroom. The strategy came from the Occupation and Colonization in the Americas theme, with the possibility to work with the representation of indigenous peoples. This paper presents as background of the 2008 legislation, Law 11,645, which makes it mandatory teaching history of indigenous cultures in brazilian school curriculum. In the process of construction of this text, the concept of interdisciplinarity will be supported by IvaniFazenda. The researcher Léa das GraçasCamargosAnastasiou, underlines the concept of strategy and, as strong and weak points will be presented evidence on reading issues of historical writing and the development of a critical view of the representation of the indigenous.

Keywords:History, Strategy, Legislation, Interdisciplinarity, Comics books.

.

[1]Graduada de Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), e-mail: vcarmili@gmail.com

[2] Professora orientadora. Doutora em Informática na Educação, pela UFRGS. Mestre em História pela PUC-RS. Graduada em Licenciatura Plena de História pela UCS, e-mail: erela@ucs.br

Introdução

A escola é um local significativo para promover o debate, estar em constante comunicação e conhecer os estudantes e a comunidade que pertencem. Cada etapa da educação básica possui objetivos próprios e formas de organização diversas. O Ensino Médio é uma etapa da escolarização de suma importância na formação de cidadania, onde os jovens alunos assumem preocupações a respeito de seu futuro.

Valorizando esta etapa, o papel da aula de História vem ao encontro da proposta do Ensino Médio de formar cidadãos pensantes, almejando promover uma posição ativa dos alunos, compreendendo a sociedade a partir das diversas formas de linguagem sobre o passado.

A leitura, a escrita e a oralidade são práticas que fundamentam as ações em sociedade. Ler textos, imagens e símbolos, escrever para ser compreendido pelos outros, expressar argumentando e defendendo seu ponto de vista, são práticas de um sujeito que assume seu papel e intervém na sua realidade.

O que desejamos é um aluno capaz de fazer uma leitura densa do mundo, não apenas das palavras, percebendo a realidade social como construção histórica da humanidade, dando voz aqueles que permaneceram por muito tempo como meros coadjuvantes, valorizando nossa herança cultural.

E na tentativa de promover essa discussão e trabalho ao silenciamento, em 2003 foi promulgada a lei 10.639 que acrescenta dois artigos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira por meio de temas como história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Cinco anos depois, a lei nº 11.645 é sancionada e passa a incluir também as populações indígenas.

Abordamos esta questão sobre a representação do nativo de forma transversal, quando trabalhado na Escola Estadual de Ensino Médio Maranhão, na cidade de São Marcos, no 2° Ano do Ensino Médio, através do Estágio III, disciplina do Curso de Licenciatura em História da Universidade de Caxias do Sul (UCS) o assunto sobre as Colonizações e Ocupações dos Europeus nas Américas.

Como estratégia de sala de aula para tratar o tema, o uso da linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQs) foi utilizado de duas formas, primeiramente como ponto de partia para discussão do assunto e posteriormente de forma

interdisciplinar, promovendo a construção HQs por meio da interpretação criativa e crítica dos alunos.

Para Vergueiro (2009, p.3) "a inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilita ao estudante ampliar seu leque de meios de comunicação, incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza".Esse ensino vai além da interação entre as disciplinas porque faz com que o aluno adquira um conhecimento mais amplo e com reflexões mais críticas.

Legislação

Durante décadas, as etnias africanas e indígenas foram meros coadjuvantes no currículo escolar brasileiro, embora tenham sido importantes protagonistas da nossa história. Após anos de dívida, foram aprovadas duas leis que tornaram obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas de ensino fundamental e médio do país.

A primeira lei surge em 2003, lei 10.639 que estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira, e em 2008, a lei 11.645 [1]é sancionada e passa incluir a população indígena.

Conforme a lei, o ensino deve se basear em três princípios: a consciência política e histórica da diversidade, o fortalecimento de identidades e de direitos, e as ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Os conteúdos devem ser ministrados de forma transversal em todo o currículo, em especial nas áreas de artes, literatura e história.

A lei possibilita pluralizar o currículo e maior compreensão e aproximaçãodos dois grupos étnicos (afro-brasileiros e indígenas), na tentativa de quebrar a visão eurocêntrica que era reproduzida nos conteúdos dados nas diferentes etapas escolares. Esta inclusão nos currículos da educação básica amplia o foco para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira, visto que nosso sistema educacional não fazia referência ao nosso passado cultural, perpetuando estereótipos e preconceitos geralmente encontrados nos livros didáticos de História.

Em 2004 o MEC divulgou as diretrizes para implementação da lei, para auxiliar a prática, ciente que, as instituições

[1]Lei 11.645, de 10 de Março de 2008, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acessado em 10/07/2015.

educacionais devem tratar o tema de forma interdisciplinar e transversal e não se restringindo as datas comemorativas.

O importante é possibilitar os alunos refletirem sobre a formação das sociedades americanas, principalmente a brasileira, promovendo uma educação comprometida e que reconheça e valorize a diversidade e riqueza cultural.

Interdisciplinaridade

Uma das características dos últimos séculos é a frequente reorganização do conhecimento. O mundo atual necessita cada vez mais de profissionais polivalentes, abertas e flexíveis para enfrentar uma sociedade que está em constante mudança.

A cultura, a mentalidade e as expectativas de qualquer indivíduo, são frutos de uma construção histórica resultando na participação ativa dentro de grupos sociais, étnicos, de gênero, de condicionamentos geográficos, dentre outros. Se tivermos a noção de diversidade na vida dos seres humanos, é imprescindível levar em conta que vivemos a interligação entre as diferentes estruturas macro e micro, sendo assim, é lógico afirmar que a realidade é multidimensional.

Partindo desta ótica, a interdisciplinaridade vem ao encontro dessa sociedade multidimensional e quem acredita nesta possibilidade, defende um novo olhar sobre si e um o mundo, formando cidadãomais crítico e democrático.

Conforme Fazenda (1999) o termo "interdisciplinaridade" não possui ainda um sentido único e estável e que, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, seu princípio é sempre o mesmo: caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto de pesquisa.

No Brasil começou a ser abordada a partir da Lei de Diretrizes e Bases N° 5.692/71, desde então sua presença no âmbito educacional brasileiro, tem se tornado mais presente, ainda mais com a nova LDB Nº 9.394/96 e com os Parâmetros.Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores.

A utilização da interdisciplinaridade como forma de desenvolver um trabalho colaborativo entre as áreas do conhecimento é uma das propostas apresentadas pelos PCNs que contribui para o aprendizado do aluno.

Entretanto há o perigo de que as práticas interdisciplinares firmem práticas vazias, impossibilitando o real questionamento sobre a problemática e permanecendo

apenas num jogo de integração, ressalta Fazenda (1999, p.35):

> A tentativa de formular um novo discurso sobre o homem é de todo válida, desde que a consciência pedagógica esteja suficientemente esclarecida sobre as implicações dessa mudança, as limitações a serem superadas e o ônus de trabalho e envolvimento que a interdisciplinaridade impõe.

Mas para isso acontecer de forma positiva, faz-se necessário a ruptura de barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que pretende desenvolvê-las conforme relata Fazenda (1999).

> A construção de uma didática interdisciplinar baseia-se na possibilidade da efetivação de trocas intersubjetivas. Nesse sentido, o papel e a postura do profissional de ensino que procure promover qualquer tipo de intervenção junto com os professores, tendo em vista a construção de uma didática transformadora ou interdisciplinar, deverão promover essa possibilidade de trocas, estimular o autoconhecimento sobre a prática de cada um e contribuir para a ampliação da leitura de aspectos não desvelados das práticas cotidianas.[2]

É através dessa perspectiva que a proposta interdisciplinar surge como uma forma de superar a fragmentação entre as áreas do conhecimento, na busca de relacionar entre elas no momento de abordar os temas, proporcionando um diálogo, relacionando-as entre si para a compreensão da realidade.

Estratégia

A educação está em constantes mudanças, à complexidade atual do mundo não nos permite atuar em sala de aula com os moldes de antigamente. A formação dos educadores está baseada no cidadão com competência e habilidade de produzir novas maneiras de ensinagem[3], utilizando a criatividade para além de um conteúdo e sim no processo todo.

Tendo em mente que cada aluno tem uma realidade e que está inserido em uma determinada sociedade e esta é pluricultural, a atividade do docente passa a caracterizar-se

[2] FAZENDA, Ivani Catarina; Interdisciplinaridade um projeto em parceria. Editora Loyola, 4.ed., São Paulo,1999.

[3] A expressão ensinagem foi inicialmente explicitada no texto de ANASTASIOU, L. G. C., resultante da pesquisa de doutorado: Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica. Curitiba: IBPEX, 1998: 193-201. Termo adotado para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos, condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento, necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação.

pelo desafio permanente em estabelecer relações interpessoais com os educandos, auxiliando na construção de seres pensantes e ativos, na tentativa de que esse processo de ensino-aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram o objetivo proposto.

Para Anastasiou e Alves (2007), cabe ao professor planejar e conduzir esse processo contínuo de ações que possibilitem aos estudantes, inclusive aos que têm maiores dificuldades, irem construindo, agarrando, apreendendo o quadro teórico-prático pretendido, em momentos sequenciais e de complexidade crescente.

Neste contexto é relevante a análise das estratégias de ensino e de aprendizagem como práticas eficazes, que acompanhem o ritmo desse novo cenário, estando diretamente relacionadas com uma série de fatores determinante para que o ocorra.

Observando esta aliança entre professor e aluno na busca de alcançar um resultado específico, o professor se torna um verdadeiro estrategista, no sentido de articular uma estratégia para elabora uma nova forma, pois irá pesquisa, selecionar, organizar e propor novas ferramentas facilitadoras para que ocorra a apropriação do conhecimento.

> Por meio das estratégias aplicam-se ou exploram-se meios, modos, jeitos e formas de evidenciar o pensamento, respeitando as condições favoráveis para executar ou fazer algo. Esses meios ou formas comportamentais determinadas dinâmicas, devendo considerar o movimento, as forças e o organismo em atividade. Por isso, o conhecimento do aluno é essencial para a escolha da estratégia, com seu modo se ser, de agir, de estar, além de sua dinâmica pessoal. (ANASTASIOU; ALVES, 2007, p.70)

Na metodologia dialética, o trabalho do conhecimento é encarado com um processo, em diferentes ações e crescente complexidade. O docente deve propor ações que possibilitem o desenvolvimento pensamento. Para isso, ao selecionar as ações contidas em diferentes estratégias, o programa de aprendizagem propõe ao aluno o exercício de processos mentais de complexidade variada e crescente observação à comparação, à tomada de decisões e conclusões.

> No entanto, mesmo que a instituição ainda não se constitua como impulsionadora desses processos, há a autonomia docente, que possibilita a implementação de estratégias diferenciadas, ainda que num nível de ação individual. Temos acompanhado processos em que os professores iniciam a mudança em duplas e ou grupos pequenos, que depois se ampliam numérica e qualitativamente. (ANASTASIOU; ALVES, 2007, p.73)

Geralmente quando se busca encontrar novas formas rompendo com o estilo tradicional, o professor pode

encontre dificuldade em atuar numa nova visão em relação ao processo de ensino e de aprendizagem, pois há incertezas quanto e a forma de organização e a aplicação das estratégias.

Um exemplo de estratégia é a utilização da interdisciplinaridade em sala de aula onde existe a possibilidade de desenvolver argumentação com maior poder de convencimento tanto como meio de alavancar o pensamento crítico em sala de aula como também a própria implementação da estratégia na escola.

Leitura e escrita no ensino de História no ensino médio

Atualmente, ler e escrever decodificando o código linguístico não é suficiente para realizar a leitura do mundo. É preciso que o cidadão consiga interpretar os textos e o contexto que estão inseridos.

Essa prática está interligada tanto no processo de letramento quanto de alfabetização, como reflete Soares (2004, p.14) sobre as principais consequências de adquirir esses processos:

> Tornar-se alfabetizado, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, tem consequências sobre o indivíduo e alteram seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre este grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística.

Neste sentido, o indivíduo letrado consegue compreender e interagir com as diferentes linguagens que estão na sociedade contemporânea. Ler uma imagem, um símbolo, um texto, é entrar num processo de significação entre o objeto lido e o leitor, promovendo uma interação que depende tanto das circunstâncias histórico-cultural do leitor, quanto dos significados dos objetos de leitura.

A escola é o local onde a tarefa de ensinar a ler e escrever são competência de todas as áreas do conhecimento. Este espaço privilegiado para desenvolvimento da leitura e escrita é responsável por levar o aluno a construir seus pontos de vista, onde tem como mediador o papel do professor, que se utilizará de estratégias para auxiliar e promover a interpretação, leitura e escrita das múltiplas linguagens.

No âmbito escolar, o Ensino Médio é uma etapa de fundamental importância, pois coincide na etapa em que jovens começam a intensificar sua vida pública assumindo preocupações antes não vivenciadas. Com isso, a escola passa a ser um local de socialização, desenvolvimento afetivo, criativo e de pensamento crítico.

Sendo o Ensino Médio uma etapa relevante para o jovem aluno e a leitura e a escrita como processo significativo para esses, a disciplina de História vai ao encontro do objetivo primordial do desenvolvimento reflexivo, pois tratará diretamente com posicionamentos, argumentações e interpretações não apenas de textos e sim uma leitura do mundo.

A compreensão dos conteúdos históricos perpassa conceitos de temporalidade, sendo assim, a leitura e o entendimento estimulam conceitos específicos a serem compreendidos com suas especificidades do período que está sendo tratado de forma crítica.

Nas palavras de Pereira; Seffner (2008, p.170) percebemos o ato de ler e escrever na disciplina de História:

> Assim, entendemos que ler em História é ler o passado e, amo mesmo tempo, é olhar para o passado a partir de uma determinada teoria e de certo método. Ler o passado é uma prática social, pois exige tomar posição diante da realidade, interpretá-la e torna-la inteligível para, depois, partilhar e disputar com outras leituras o espaço da sociedade. Ora, escrever a História é também uma leitura, mas, mais do que isso, é o que permite a publicação daquela leitura singular que queremos validar e por em circulação.[4]

Um texto histórico assim como outros gêneros, está repleto de subjetividade do seu autor e representa uma visão específica de mundo, por isso é necessário enxergar o texto construído pelas diferentes formas de linguagem, como fruto de um produto pela interpretação, visão e valores do autor, além da sua própria interpretação utilizando as lentes culturais que estão sendo analisadas estas leituras.

O papel do professor de História é de extrema importância ao intermediar a leitura das várias linguagens que abordam o conteúdo histórico e das várias etapas de um texto histórico, estimulando a argumentação e a observação da realidade que cada aluno vive na sociedade a fim de formar um cidadão consciente e transformador.

A sociedade precisa ser entendida, como forma de legitimar a herança cultural e reivindicar melhorias nos vários setores, percebendo os diferentes grupos sociais e cada

[4]SEFFNER, Fernando. In: PEREIRA, Nilton Mulletet. al., (2008) Ler e escrever; Compromisso do Ensino Médio. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

discurso que estes propõem. Por isso que a disciplina de História pode contribuir positivamente na transformação, pois a escrita dela é uma forma política, como Pereira; Seffener (2008) refletem que na medida em que o objetivo de quem escreve e de quem lê o passado, diz respeito às lutas políticas do presente. Do ponto de vista do ensino de História, ensinar a ler e a escrever é instrumentalizar os estudantes a participarem das interações políticas do seu presente.

História em quadrinhos e a utilização na aula de História

Com muito tempo de existência as histórias em quadrinhos até hoje conquistam muitas pessoas, desde adultos como criança porque suas imagens e falas dão asas à imaginação. Sem dúvida os quadrinhos são um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, pois são mais acessíveis ao público em geral, tanto por causa do preço quanto as linguagens de fácil entendimento.

Vergueiro (2009) afirma que ―a constituição de uma página de quadrinhos é feita de modo a considerar todos os elementos que influem na leitura, buscando criar uma dinâmica interna que facilite o entendimento‖. Assim sendo, a história em quadrinhos, como uma nova forma de narrativa gráfico-visual, constitui em sua estrutura elementos como: personagens, tempo, espaço e ação, que utilizam uma série de recursos para representar a fala. Possui em seu conteúdo a linguagem não verbal (desenhos) e a verbal (texto).

As histórias em quadrinhos (HQs) possuem uma linguagem própria, pois mistura imagem e texto, se destacando no sistema de comunicação, considerado como uma manifestação artística com características próprias, o que possibilitou a aproximação das práticas pedagógicas como relata Vergueiro (2009, p. 20):

> A inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicados por um texto escrito. Nesse momento, as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados favoráveis se sua utilização, alguns au-

> tores de livros didáticos -, começaram a incluir os quadrinhos no ambiente escolar.[5]

Por se tratar de um material que alia linguagem textual e visual e com a diversidade de temas, as HQs podem ser utilizadas de forma interdisciplinar, de forma a interligar um assunto no outro, ou seja, com a disciplina de História com a de Artes, Língua Portuguesa, Geografia e assim por diante.

Sendo bem escolhidas as HQs têm grande potencialidade nos trabalhos escolares e podem dar suporte a novas modalidades educativas podendo ser aproveitadas de maneira interdisciplinar fazendo com que as aulas passem a ser desenvolvidas com prazer e reflexividade.

> Outra questão importante diz respeito à seleção do material a ser utilizado em aula. Considerando o número e variedade de publicações de histórias em quadrinhos existentes no mercado, essa seleção deve levar em conta os objetivos educacionais que se deseja alcançar. Nesse sentido, talvez o ponto fundamental dessa seleção seja ligado à identificação de materiais adequados – tanto em termos de temática como de linguagem utilizada- à idade e ai desenvolvimento intelectual dos alunos com os quais se deseja trabalhar, atentando-se a que a primeira não é necessariamente um condicionamento da segunda. (VERGUEIRO, 2008, p27)

Não existem regras para utilização dos quadrinhos, o que realmente importa são as estratégias utilizadas pelo docente e o bom aproveitamento em qualquer sala de aula.

O uso das HQs no ensino de História ainda é muito tímido, mesmo assim, na tentativa de implantar essa linguagem em sala de aula é preciso planejamento e cuidado para que a atividade seja dinâmica e atraente para os alunos.

Podemos aproveitar os quadrinhos no ensino da História para trabalhar conceitos de tempo e suas dimensões, refletindo sobre o tempo da natureza, o tempo do relógio, o tempo da fábrica, como também um fato narrado por diferentes personagens, onde apontam diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto. Isto facilita muito a compreensão sobre as diferentes linhas da História como a subjetividade presente, observando as diferentes classes, culturas e sociedades.

Os quadrinhos podem ser utilizados de diferentes maneiras sob diferentes enfoques como para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspecto da vida social de comunidades do passado, para serem lidos e estudados como registro

[5] VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 7- 29.

da época em que foram produzidos, para serem utilizados como ponte de partida de discussões de conceitos importantes para a História.

Alguns procedimentos devem ser utilizados na leitura deste material como saber quem é o autor, quem foi que produziu, quando e onde foi produzida, por quem fala, a quem se destina, e qual é a sua finalidade.

Outro ponto importante em relação à inclusão de quadrinhos em sala de aula no ensino da História é que nem toda história em quadrinhos é ficcional. Podemos encontrar HQs autobiográficas, que antes de tudo é um relato de certas memórias do autor, portanto estão dentro de um contexto histórico específico. Também os quadrinhos podem conter anacronismo, verossimilhança e inverossimilhança.

Outra forma muito interessante de trabalhar os quadrinhos no ensino de História é propor a confecção pelos próprios alunos. Essa atividade além de possibilitar um trabalho interdisciplinar desempenha um forte papel para desenvolver competências de representar e comunicar.

> Atividades como essas também contribuirão para que os estudantes desenvolvam a criatividade; muitas vezes desestimulada no ensino tradicional. No entanto, para que não se perca de vista a especificidade da disciplina História, deve-se propor a criação de histórias em quadrinhos que explorem os conteúdos específicos da disciplina ou pertinentes ao assunto da aula. (VILELA, 2008 p. 128)

O objetivo é ter desenhos funcionais, que haja uma pesquisa para desenvolvimento tanto do roteiro como da parte gráfica, para que tenha informações históricas corretas e a comunicação se faça atingindo o objetivo da HQs.

Relatos

Iniciando o estágio na turma 201 da Escola Estadual de Ensino Médio Maranhão, na cidade de São Marcos, R.S., as expectativas foram muitas, para desenvolver as atividades de forma positiva a fimde atingir os objetivos propostos desde a construção do projeto até a aplicação do plano de aula em sala de aula, como também a relação entre educando e educador e a comunidade escolar.

Foi proposto trabalhar no 2° ano do Ensino Médio o tema sobre A Chegada, Conquista e Ocupação dos Europeus na América. Tema este de extrema importância para compreensão da nossa herança cultural e nossa construção política, econômica e social.

Visto o tema a ser trabalhado, começamos o processo de pesquisa, primeiramente analisando o PPP (Progra-

ma Político Pedagógico) para situarmos sobre a organização e procedimentos curriculares, pedagógicos, administrativos e financeiros do Estabelecimento de Ensino, observando as normas legais e regimentais.

Logo após conhecer a realidade da comunidade escolar, pesquisamos o tema a ser desenvolvido em diversas linguagens, procurando estabelecer futuras estratégias para aplicar em sala de aula. Nesta etapa, a pesquisa é fundamental para elaborar um roteiro objetivo para auxiliar na formação dos educandos reflexivos.

Segundo Garcia (2007) a pesquisa do professor tem como finalidade o conhecimento da realidade para transformá-la, visando a melhoria de suas práticas pedagógicas. O professor pesquisa sua própria prática ele encontra-se envolvido com seu objeto de pesquisa, diferentemente do pesquisador teórico. Quanto aos objetivos, ela afirma que a pesquisa do professor tem caráter utilitário, os resultados existem para serem usados na sala de aula.

Em processo, o envolvimento do docente é fundamental para que o desafio de planejar uma aula criativa, crítica e reflexiva aconteça, por esse motivo é importante selecionar o material que será utilizado.

Em meio à pesquisa, nos atentamos com um tema transversal de sua importância para ser discutida e analisada em sala de aula. Amparada pela lei 11.645 A História Afro-brasileira e indígena torna-se obrigatória em todo o país nas etapas do ensino fundamental e médio. Visto isto, pretendemos trabalhar com a questão do nativo, que ainda está pouco questionada e discutida em sala de aula.

Nosso nativo que até este tempo é menosprezado tanto pela sociedade brasileira, quanto pelas leis que regem este país. Por isso, desmistificar alguns estigmas é papel de todos os cidadãos, principalmente os que estão à frente das instituições, inclusive as de ensino.

O conceito e a ação de estratégia foram de extrema importância nesta fase de articular o que seria necessárioe de como seria abordado o tema. Ao desenvolver a estratégia foi percebida tal situação e entendida como ponto frágil. Mesmo conceituando e sabendo de sua importância para desenvolver o trabalho, encontramos dificuldades de estabelecer como seriam aplicadas estas estratégias, qual a ordem que utilizaríamos para aplicar. Esta foi sanada apenas quando iniciado o estágio onde percebemos como era o andamento da turma.

Uma possibilidade que encontramos para trabalhar esse tema transversal foi a História em Quadrinhos. Vimos nesta estratégia, uma forma de leitura e escrita da História de fácil entendimento, poisutiliza duas linguagens, uma textual e outra visual. Isto auxilia muito na compreensão do tema abordado e estabelecendo relações com os dias de

hoje como também questões de conceitos e interpretações com diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto.

Acreditamos que esta estratégia tenha sido um ponto forte para a construção do pensamento e para desenvolver as atividades do estágio. As imagens muitas vezes falam mais do que os textos, além do mais estamos vivendo em um mundo muito mais visual,aonde as informações chegam rapidamente pelos meios de comunicação, e a compreensão é mais bem concebida.

O uso das histórias em quadrinhos em sala de aula terá uma abordagem mais ampla através do ensino interdisciplinar. Esse ensino vai muito além da interação entre as disciplinas porque faz com que o aluno adquira um conhecimento mais amplo e reflexivo.

Com a meta do estágio estabelecida, amparada com teoria sobre cada etapa a ser desenrolada, teremos como principal estratégia a leitura e escrita da História a linguagem das Histórias em Quadrinhos que abordará além do tema sobre a Chegada, Conquista e Ocupação dos Europeus na América, a representação do nativo.

Em sala de aula, foram desenvolvidas várias atividades, tanto textual como imagética, a fim de levantar discussões e interações para a turma, como: cartas-relato, diário de bordo, cartazes, pesquisas sobre produtos naturais, tecnologia e o principal como fechamento do assunto a produção de uma História em Quadrinhos, levantando a questão da representação do nativo.

Em um dos momentos de aula, foi realizada a análise e leitura das HQs, coma proposta para os alunos desenvolverem um trabalho crítico sobre uma História em Quadrinhos com o tema "Descobrimento da América", que foi entregue pelo professor, procurando observar como são representados os povos indígenas e os europeus.

Exposto a proposta, houve leitura individual da HQs pelos alunos e após uma interação a respeito do humor e do lúdico enquanto características das histórias em quadrinhos, onde os alunos apontaram as mesclas relacionadas a fatos históricos oficiais sobre o tema com noções que fazem sentido apenas quando relacionadas ao modo de viver e pensar nos tempos atuais.

Nesse sentido, os alunos destacaram no texto as falas que revelam humor e anacronismo e foram levantadas questões de ambas as partes, educador e educando sobre as representações e leituras que estávamos construindo sobre as HQs, que foram: Na leitura humorada do autor sobre o "Descobrimento da América", como os indígenas são representados? Qual a visão que eles têm dos europeus? E os europeus, como são representados? Qual a visão que eles têm dos indígenas na História em Quadrinhos?

Os alunos começaram a citar algumas situações referentes aos desenhos, como por exemplo, a questão do

ambiente, as diferenças entre o modo de construção, vestimenta, fenótipo entre as duas civilizações. Levantaram-se questões e conceitos sobre etnocentrismo e eurocentrismo, conseguindo fazer relações com o mundo hoje com a situação do indígena e principalmente o choque-cultura entre as civilizações.

A cada atividade, os alunos, dialogavam questionando sobre o choque-cultural, fazendo reflexões sobre como vivem nossos nativos, e como após esta abordagem viam estas questões.

Foi muito gratificante, observar na fala dos alunos o sentimento de pertence e a indignação sobre esse passado histórico que faz parte da nossa construção sociocultural.

Quando foi produzido a HQs pelos alunos, a interdisciplinaridade aconteceu de uma forma positiva, pois não existia uma separação entre as áreas do conhecimento, teoria e prática, desenho e escrita estavam dialogando e servindo de ferramentas para construir de forma reflexiva a representação do nativo.

> A pesquisa é fundamental tanto para a elaboração do roteiro quanto para os desenhos. Um roteiro pode, por exemplo, conter informações historicamente corretas (datas, nomes, tipos de situação), mas apresentar desenhos que contenham anacronismo. [...] O uso proposital de anacronismos para fins satíricos pode tornar a atividade mais interessante, pois o humor se constituiu num excelente instrumento de crítica e de reflexão.(VERGUEIRO, 2009, p.129)

Para a confecção das HQs foram utilizados todos os materiais desenvolvidos durante o estágio, podendo eles pesquisar nas próprias produções sobre o tema.

Cremos que ao analisar e avaliar as construções e produções dos alunos foi recompensante perceber como eles pesquisaram e desenvolveram uma visão crítica sobre a representação do indígena em meio à barbárie da conquista e ocupação, posicionando e construindo um olhar crítico sobre a história.

Considerações finais

Independente de qual área de ensino que o profissional esteja, o grande desafio é auxiliar na construção e na formação de pessoas pensantes e críticas, que saibam valorizar sua herança cultural e que queiram transformar seu presente em meio a uma sociedade tão desparelha.

Acredito que o ensino de História tenha um importante papel, pois contribuirá para interpretar ações do passado e argumentar a sociedade atual. Através dela pode-

mos dar voz a etnias que foram silenciadas. Por isso é de extrema importância que o professor de história, assim como outros de outras áreas do conhecimento possam trazer temas transversais como este da História Afro-brasileira e Indígena, para que possamos juntamente com os educandos compreender nosso passado e construir um presente digno alicerçado na luta das classes que vivem à margem da sociedade brasileira e na possibilidade de diminuir esse abismo cultural.

Cremos que a estratégia de utilizar a Interdisciplinaridade, a História em Quadrinhos e a abordagem de um tema transversal, vão ao encontro do que o Ensino da História que tem como proposta, assim como também a proposta do Ensino Médio, assegurar o crescimento do aluno, fazendo deste um agente transformador do seu meio, argumentando e refletindo sobre a sociedade e sua inserção nela.

Referências Bibliográficas

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. Comunicação e educação: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina; Interdisciplinaridade um projeto em parceria. Editora Loyola, 4.ed., São Paulo,1999.

GARCIA, Vera C. G. Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é Matemática? Porque Ensinar? Como se ensina e como se aprende? Apostila, 2007.

Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acessado em 10/07/2015.

Lei 11.645, de 10 de Março de 2008, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acessado em 10/07/2015.

NEVES, Iara da Conceição Bitencourt Neves et. al., (1999). Ler e escrever; Compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: UFRGS.

SEFFNER, Fernando. In: NEVES, Iara da Conceição Bitencourt Neves et. al., (1999)Ler e escrever; Com-

promisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

SEFFNER, Fernando. In: PEREIRA, Nilton Mullet et. al., (2008) Ler e escrever; Compromisso do Ensino Médio. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros, 1998. Belo Horizonte: Autêntica.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 7- 29.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos uma ―alfabetização‖ necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009a, p. 31- 64.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009c.